

Aquino de Bragança: militares portugueses devem defender Cabora Bassa

Director do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, Aquino de Bragança não é dirigente da Frelimo, nem desempenha quaisquer cargos oficiais em Moçambique. É porém a este antigo jornalista, a quem conhece há mais de 20 anos, que o presidente Samora Machel recorre para certas missões. Poucas horas antes de regressar a Maputo, depois de 10 dias de contactos em Lisboa, Aquino de Bragança falou à GR sobre a Renamo, a crise no poder na África do Sul e a cooperação militar Portugal-Moçambique. Excertos:

Um dos temas que abordou com as autoridades portuguesas foi o da cooperação militar. Sugeriu alguma fórmula concreta?

Veja o crime do colonialismo em Cabora Bassa: pensou um projecto que só servia a República da África do Sul. Maputo e alimentada por energia vinda da RAS, e não directamente duma barragem que está situada em território moçambicano. Quando a barragem não dá energia à África do Sul, quem é que paga? Portugal. Cabora Bassa, esse elefante branco de Salazar/Caetano, faz-vos perder hoje rios de dinheiro. Penso que caberia a Portugal coordenar com a República Popular de Moçambique a defesa de Cabora Bassa.

Isso implicava meter lá tropa?

Tropa de intervenção rápida.

Mas Portugal assim envolvia-se numa guerra e não há hoje nenhum dirigente político que tenha coragem para mandar soldados nossos para África!

É legítimo que Portugal não queira participar numa guerra em Moçambique, depois de tudo o que se passou na era colonial. Mas Portugal não iria participar numa guerra civil. Iria defender os seus interesses no estrangeiro, ameaçados por actos terroristas. Estará Portugal interessado em perder todos os meses dezenas de milhares de contos por causa de acções de sabotagem que são cometidas contra Cabora Bassa? O povo português compreenderá esta participação se lhe for explicado os seus objectivos e o seu âmbito. Pergunto: quem defenderá os interesses portugueses em Moçambique? Ou querem ser substituídos nessa tarefa pelos sul-africanos? A história do período colonial ensina-nos: a RAS e Portugal são rivais na África Austral.

Por quem é constituída afinal a chamada «Portuguese connection»?

Por grandes empresários do antigo regime que pretendem renegociar Lusaca. Laboram num equívoco. A cor política não nos interessa. Moçambique tem hoje um Código do Investimento Estrangeiro e é fiel às normas do Direito Internacional. Champalimaud é um magnate dos cimentos no Brasil. Por que é que não o há-de ser também na República Popular de Moçambique? Para isso não pode é seguir a via da Renamo, que é um mau intermediário. Desde que não pretenda negociar o passado, qual-



quer empresário, seja ele Champalimaud, seja Bulhosa, pode instalar-se em Moçambique.

Não existem então ligações partidárias e governamentais portuguesas à Renamo, como Maputo chegou a garantir?

A minha convicção é a de que o governo de Mário Soares não está envolvido. Empresários sim. E também outros cidadãos, mas a nível individual. De resto, há diversas componentes: a árabe, a americana, a brasileira, a alemã federal (a «Strauss connection» é muito importante). Enfim, todo um mundo que pretende tirar proveito da situação. Mas devo dizer que a desestabilização fundamental vem da África do Sul.

Os acordos de N'Komati foram então um «bluff» do governo sul-africano?

N'Komati revelou o invisível: o rei (Botha) estava nu. Havia poderes dentro do poder. A crise atravessa todas as estruturas da tribo afrikander: culturais, políticas, económicas e militares. Fenómeno novo, este da divisão do exército. Fracções do exército criaram uma certa autonomia, sobretudo o grupo da Segurança Militar, criando e controlando uma série de movimentos contra-revolucionários. Hoje trava-se uma grande batalha dentro da África do Sul, entre os diferentes poderes.

Será suficiente o apoio sul-africano para explicar o poder militar impressionante de que dispõe hoje a Renamo de norte a sul do país?

A Renamo dispõe de meios de comunicação extraordinários situados no Malawi e no Transval. É de lá que são enviadas as

ordens: «destruam esta ponte», «não acampem aí que está a Frelimo», «avancem para aquele objectivo». De qualquer maneira, é preciso que se saiba que as províncias de Gaza e de Manica estão controladas e que é sobretudo nos territórios fronteiriços do Malawi que a situação é menos boa.

Não admite a hipótese de a Frelimo acabar por negociar com a Renamo?

Nunca. Nunca. Nunca. É preciso saber o que é a Renamo. Trata-se de uma organização que cada dia aparece mais como o projecto daqueles que querem renegociar Lusaca. Para chegar aí, a Frelimo ter-se-ia demitido de tudo aquilo por que lutou. É preciso não esquecer que — como revelou um inquérito feito pelo antigo grande repórter do Observer, de Londres, David Martin — Evo Fernandes é um antigo elemento da PIDE/DGS emprestado à Segurança rodésiana e exportado depois da independência do Zimbabwe para a África do Sul.

E se N'Komati falhar de novo?

Será o suicídio do próprio regime da África do Sul.

Mas também de Samora Machel...

O falhanço de N'Komati pode conduzir a uma fragmentação, ou bipolarização do país.

O que é que o leva a pensar que o apodrecimento da situação em Moçambique é mau para a RAS?

Antes dos americanos e dos europeus, os interesses sul-africanos precisam daqueles mercados. O sucesso de N'Komati permitia aos empresários sul-africanos romper o cerco de que são vítimas e tornava possível à RAS a utilização de mecanismos de dominação económica. A situação actual, pelo contrário, é de tal modo que o próprio Openheimer está a transferir interesses para fora de África.

E Portugal?

Portugal tem de estar na ofensiva, no sentido nobre da palavra. Tem de ocupar o espaço que os africanos lhe oferecem. Em todos os projectos de cooperação triangular, a Frelimo disse estar de acordo com os portugueses. Sabemos que Portugal não tem dinheiro, mas nunca pusemos esse problema. Vocês têm uma riqueza de que americanos e europeus não dispõem: o homem, a sua capacidade de relacionamento e adaptação. ■

Adelino Gomes